

J. J. VEIGA E FRANZ KAFKA: FABULADORES DE UM MUNDO "DESLOUCADO"

Carla Cristina de Paula¹



Resumo: Este artigo analisa o fantástico na obra de J. J. Veiga, um dos pioneiros da literatura fantástica no Brasil. É unânime a opinião dos críticos em considerar a fantasticidade como o elemento definidor das narrativas do escritor. Ao compará-lo com Franz Kafka, tentamos decifrar a chave para o insólito de sua ficção. A impressão de estranheza, a atmosfera de irrealidade impressa em seus textos advém das "experiências dos limites", termo usado por Todorov em sua *Introduction à la littérature fantastique* (1970). Assim como Kafka, Veiga sugere a realidade a partir do estranho, do extraordinário, do irreal, empregando uma visão transfiguradora, organizada em torno de situações marcadas pela decadência e pelo insólito. À semelhança do escritor tcheco, o estilo de Veiga corresponde à sua visão de mundo, descrevendo a irracionalidade de nosso tempo. É justamente pelo absurdo contido em sua ficção que o autor expressa o absurdo presente na realidade visível.

Palavras-chave: J.J. Veiga; literatura fantástica; Franz Kafka; estranhamento; irreal; sobressocial; absurdo.

Abstract: This article is an attempt to analyze the fantastic element in the work of J. J. Veiga, author considered one of the pioneers of fantastic literature in Brazil. It is unanimous the opinion of the critics in considering the fantastic element as the defining characteristic in his stories. By comparing him to Franz Kafka, we try to reveal the key to the estrangement of his fiction. The impression of strangeness, the atmosphere of unreality in their texts comes from the "experience of limits," a term used by Todorov in his *Introduction à la littérature fantastique* (1970). Like Kafka, Veiga suggests the historical and social reality from the strange, the extraordinary, the unreal, making use of a transfiguring vision, organized around situations marked by decay and unreality. As well as the Czech writer, Veiga's style corresponds to his vision of reality, describing the irrationality of our time. It is just by the nonsense contained in his fiction that the author expresses the absurdity in the visible reality.

Keywords: J.J. Veiga; fantastic literature; Franz Kafka; estrangement; unreal; unusual; absurdity; nonsense.

A fantasia, tanto no universo intraliterário quanto extraliterário, é um tema extremamente interessante e sedutor. Associada à imaginação e ao desejo, tornou-se uma área de difícil definição e articulação. De fato, o valor da fantasia parece residir precisamente nessa resistência à definição, em suas qualidades fugidias.

Dentre as mais variadas formas literárias da fantasia, encontra-se a *literatura do sobrenatural*, que se caracteriza pela presença de elementos irrealis no universo da narrativa. Entretanto, o sobrenatural ou irreal tem se mostrado presente em diferentes gêneros, ultrapassando a fronteira da narrativa fantástica, na qual se constitui traço dominante e imprescindível. Muitos autores têm recorrido a temas do universo meta-empírico, caracterizando situações ou personagens sobrenaturais em suas obras, sem, contudo, conferir a eles caráter predominante na estruturação geral do texto. Podemos citar como exemplo Machado de Assis, que em **Memórias póstumas de Brás Cubas**, surpreendeu o público leitor brasileiro ao conceder a voz narrativa a um

"defunto autor" que conta sua vida do além-túmulo. Em um momento em que se supervalorizava a representação realística do mundo, Machado introduz um elemento de índole fantástica na narrativa, instaurando um fator de estranhamento no texto pela admissão de uma situação irreal e inusitada: a narração feita de um plano diferente, do pós-morte. Contudo, a não ser pelo narrador meta-empírico, nada mais em **Memórias** evoca o fantástico, pois o objetivo do autor não era tornar sua narrativa fantástica.

No Brasil, um dos nomes pioneiros na literatura fantástica é J. J. Veiga. É unânime a opinião dos críticos em considerar a fantasticidade ou o elemento fantástico como o elemento marcante das narrativas do autor. Entretanto, não há no escritor "fantasmas, nem bruxas e tampouco fadas e príncipes comuns à literatura que, desde o século XVII, convencionou-se chamar de fantástica. O fantástico de Veiga são as situações dolorosas contrárias à razão" (CAMPEDELLI, 1982, p.101). A impressão de



verrücken, que significa deslocar e *ver-rücket*, participio do verbo que, como adjetivo, significa louco, foram usados por Günter Anders, 1993, em sua descrição do mundo kafkiano). Pelo deslocamento e enlouquecimento da aparência aparentemente normal do mundo são transcendidos os limites do cognoscível, do pré-estabelecido, da apreensão unilateral das coisas, para recriar o invisível do mundo visível, instaurando novas significações. O impossível e o não comprovado são vividos, ainda que no revés do absurdo, como meio de mostrar que as situações inusitadas são contraditoriamente as mais comuns. O estilo simples, lícido, “real”, no sentido de jamais deixar quaisquer dúvidas sobre a realidade – em contraste com características artificiais ou inventadas – da matéria narrada, descrita ou meditada, no entanto narra, descreve e pensa o chocantemente inacreditável.

É estabelecida assim uma nova ordem discursiva de contestar a desordem do mundo e o absurdo do real, articulando-se na nova organização textual. O ato de “desloular” oferece um olhar inédito e original sobre o lado obscuro e indefinível do universo humano.

O absurdo da obra tem como função confirmar o caráter alucinante do mundo – o universo de Kafka e Veiga é, ao mesmo tempo, fantástico e rigorosamente verdadeiro. O “desloulamento” afirma a realidade, despindo das aparências o contexto das coisas, sem, contudo, induzir à abstração total. Pelo contrário, a cada momento em que nos deparamos com uma realidade despojada do invólucro da aparência sentimos mais e mais sua reafirmação. É por esse jogo de sombras, pela projeção de realidades fluídicas e tênues, sem conteúdo com os quais, entretanto, até pouco tempo estávamos acostumados a lidar, como se fossem coisas plenas de vitalidade ou como um princípio consagrado pelo tempo, que Kafka e Veiga fixam a percepção absurda do lado absurdo da vida e das relações humanas, extraindo assim os efeitos surpreendentes de suas ficções.

No plano do absurdo, os elementos “desloulados” encontram-se submetidos a poderes desconhecidos geradores de angústias e incertezas. O mundo organizado e familiar entra em crise e se reveste de um elemento que escapa à consciência do indivíduo. A contradição causadora da sensação de absurdo em Kafka e Veiga poderia ser colocada nos seguintes termos:

o homem participa de um mundo no qual não penetra, é estranho e precisa se identificar. No caso do escritor tcheco, estranho por ter sua visão contaminada pela sensação de não pertencer nem ao mundo judeu, nem ao tcheco ou ao alemão, ou ao mundo burocratizado, o mundo que conta e não conta com ele, ou seja, o mundo do poder. A redenção almejada não é, pois, a do mundo, mas a do *não estar no mundo*. Veiga, à semelhança de Kafka, também institui uma voz narrativa para a qual o homem não pertence ao mundo, porém, num sentido inverso, pois se as personagens kafkianas pretendem a redenção pelo ingresso no mundo, o herói de Veiga insiste na sua resistência ao mundo do poder, pela consciência de que a liberdade é a razão maior do viver humano.

Essas “situações dolorosas” é uma preocupação de muitos autores contemporâneos, é uma constante em Kafka e faz parte da consciência artística de J. J. Veiga. Em Kafka, por exemplo, Gregor Samsa é transformado numa coisa repugnante e imprestável (**A metamorfose**) e Josef K. (**O processo**) é condenado e executado mesmo sendo inocente por um tribunal absurdo e insólito, regido por uma lei mais insólita ainda; em Veiga, as personagens se deixam massacrar por um poder extraordinário e desconhecido, tornando-se autômatos movidos por uma realidade estranha e imperscrutável. Contudo, a visão dos dois escritores é a mesma: o homem reduzido a fantoche, desumanizado e controlado pelas mãos poderosas do desenfreado e incessante fluxo da vida moderna que, no entanto, esse mesmo homem desejou e tanto contribuiu para criar. Ironicamente, como o doutor Frankenstein, o homem torna-se vítima do monstro que tão ansiosamente gerou.

Aparentemente, poder-se-ia considerar essas obras, pelo estranho mundo absurdo em que desfilam suas personagens, como um tipo de literatura transcendental, visando apenas à fabulação, à criação de outras realidades, desconexas desta, do real vivenciado por nós. Entretanto, esses textos, como qualquer outro texto literário, foram produzidos a partir de e determinados por um contexto social, não podendo ser entendidos de maneira isolada. A forma tomada por qualquer texto da literatura do absurdo é determinada por um número de elementos que se interseccionam e interagem de formas diferentes em cada trabalho individual. O reconhecimento desses elementos coloca o autor em relação a

determinantes históricos, sociais, econômicos e políticos tanto quanto a sua tradição literária.

Assim como Kafka, Veiga sugere a realidade histórico-social a partir do estranho, do extraordinário, do irreal, empregando uma visão transfiguradora, organizada em torno de situações marcadas pela decadência e pelo insólito. À semelhança do escritor tcheco, o estilo de Veiga corresponde à sua visão da realidade, descrevendo a irracionalidade de nosso tempo. É justamente pelo absurdo contido em sua ficção que o autor expressa o absurdo presente na realidade visível. O texto convence muito mais pela reestruturação criativa do contexto social em sua organização geral do que pela referência direta ao mundo exterior. Desta forma, seus textos transmitem um profundo sentimento da vida, pois, mesmo seguindo os impulsos criativos de sua imaginação, penetram fundo no real exatamente por não se comprometer em realizar um trabalho documental. O leitor tem a sensação de estar em contato com questões vitais, de estar participando, aprendendo, aceitando ou negando a realidade apresentada, como se estivesse envolvido nos problemas levantados por ela.

Veiga e Kafka presenciaram momentos difíceis na história de seus países, dos quais não podiam fugir. Por mais que devamos considerar os aspectos imanentes à obra literária, cuja significação não pode nem deve atrelar-se apenas às relações extra-literárias, parece difícil ignorar o suporte da história nesses dois casos. Veiga faz a seguinte declaração durante uma palestra proferida no Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP:

a minha literatura, a partir do segundo livro, que é **A hora dos ruminantes**, sempre esteve presa à atmosfera política do país. Eu sempre queria, terminado um livro, que o livro seguinte fosse diferente. Que fosse um livro com mais clareza... Mas, se eu fizesse os livros que eu queria fazer, eu acho que estaria fraudando a realidade, forçando a mão para mostrar uma situação que não era real. Então, eu não tinha outro jeito senão continuar fazendo os livros que a situação política, o clima político-social não só permitiam, mas acho que também pediam que eu fizesse. (1989, p. 27-28).

Kafka (apud ANDERS, 1993, p. 11) escreve em seus diários: “Acolhi vigorosamente o que há de negativo no meu tempo – ao qual, aliás, estou muito ligado e que tenho direito, não de combater, mas, até certo ponto, de representar”.

Mesmo representando a realidade dolorosa e crítica em dois momentos históricos e em pontos geográficos distintos, observamos a semelhança na forma expressiva através da qual esses momentos foram recriados pela imaginação artística. Ambos os escritores recorrem ao absurdo para transfigurar um outro absurdo – o absurdo presente na própria realidade. Assim, mais uma vez, as obras de Kafka e Veiga são inovadoras, pois se afastam de uma impressão de realidade mesclada a uma reprodução do existente à medida que tentam traçar uma busca pela verdade humana, pelo distanciamento da realidade objetiva e externa, enquanto a ela remete, pelo engendramento criativo e imaginário, uma realidade artística, subjetiva, ficcional. A tradição realista da verdade explícita é substituída pela investigação da verdade implícita, objetivando revelar as camadas não visíveis da realidade aparente. E, para tanto, insistem no absurdo.

Veiga revela sua veia kafkiana ao compor romances como **Sombras de reis barbudos**, **A hora dos ruminantes**, **Aquele mundo de Vasabarro**, entre outros. Toda sua obra é permeada pelo tema da arbitrariedade dos sistemas de poder ao tratar os cidadãos; a luta do oprimido para se livrar das garras do opressor, que sempre leva vantagem; a burocracia que emperra tudo e fica fazendo o tal “jogo de empurra” com a personagem, que, desesperada na busca de um entendimento ou ajustamento com as coordenadas do sistema, deixa-se levar pelas circunstâncias até ser descartada ao atingir sua inutilidade. Uma muito fina ironia e uma grande alegoria do governo ditatorial brasileiro dos anos trinta aos oitenta - com um pequeno espaço para Kubitschek, Goulart e Quadros, que, por meio de seus burocratas e patrulheiros, emperravam ou anulavam completamente a vida do cidadão – estão presentes também na obra do autor brasileiro como uma herança kafkiana.

A impotência diante do sistema, combinada com a inconformidade frente à ordem das coisas conduzindo a personagem para um fim trágico ou pelo menos infeliz, é a “lei de Kafka”, por meio da qual se esclarecem as novas relações de hipocrisia estabelecidas entre os homens a partir do século XX: é preciso se enquadrar, fazer parte do sistema ou ser eliminado, mesmo as exigências e normas parecendo impossíveis de cumprir ou simplesmente absurdas; é preciso fazer de conta que o sonho acabou e jamais haverá outra oportunidade de encontrá-lo, mesmo este saltando

aos olhos, seja acordando numa manhã transformado num inseto ou sendo obrigado a vender a valiosa espingarda do rei da Síria.

1 - Doutora em Letras pela UNESP, campus de São José do Rio Preto. Professora da área de língua inglesa da UNEMAT, campus universitário de Alto Araguaia. E-mail: carla_jammer@hotmail.com

Aceito para publicação em 01.06.2009

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERS, Günter. **Kafka**: pró e contra. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Perspectiva, 1993.

CAMPEDELLI, Samira Y. **José J. Veiga**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

JOZEF, Bella. **A máscara e o enigma**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

KAFKA, Franz. **A metamorfose**. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. **O processo**. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PRADO Antonio Arnoni. (Org.) **Atrás do mágico relance**: uma conversa com J. J. Veiga. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. Tradução de Maria Clara Correa Castello. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.



